

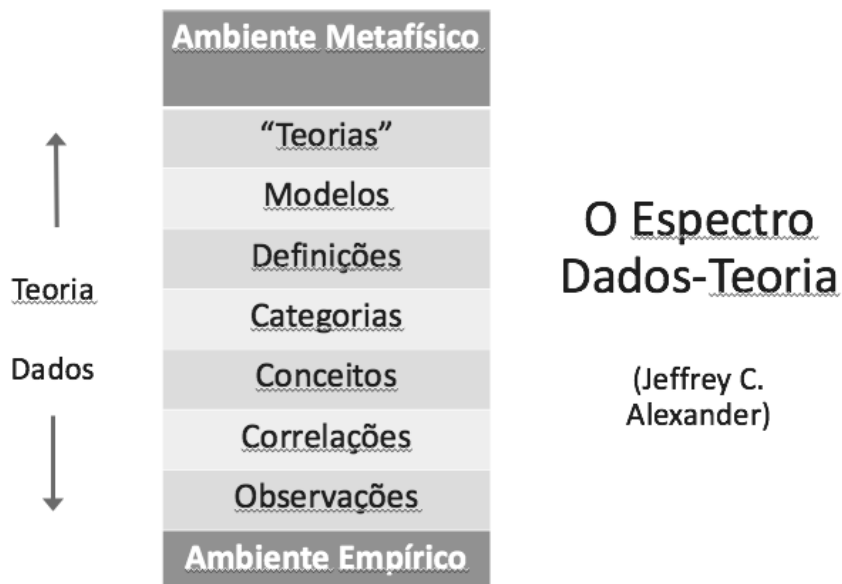
## Teoria e teorização

Para Métodos e Técnicas de Pesquisa em CR (Steven Engler)

### Sensos de “teoria” (Abend 2008, 175, 177–181)

1. “uma proposição geral, ou sistema de proposições gerais, logicamente conectado, que estabelece uma relação entre duas ou mais variáveis”
2. “Uma explicação de um fenômeno social particular”
3. “O desenvolvimento de um vocabulário e de esquemas para falar sobre o mundo social”;
4. “uma ‘interpretação,’ ‘leitura’ ou ‘maneira de fazer sentido’ original de uma certa fatia do mundo empírico”
5. “O estudo e os estudantes dos escritos dos [teóricos clássicos, isto é,] autores como Marx, Weber, Durkheim, Simmel, Parsons, Habermas, ou Bourdieu”
6. “uma *Weltanschauung*, isto é, uma perspectiva global a partir da qual se vê e interpreta o mundo... fornecendo um quadro *a priori* (esquema, grelha, mapa, rede, plano), um quadro independente da experiência, logicamente anterior a qualquer contacto com o mundo social”
7. “perspectivas que têm um componente normativo fundamental. ... Por exemplo, os projetos contemporâneos de ‘teoria crítica’, ‘teoria feminista’ e ‘teoria pós-colonial’ são explicitamente normativos, geralmente rejeitam a dicotomia fato/valor e, portanto, rejeitam a teoria sociológica supostamente neutra em termos de valor”
8. “o estudo de certos problemas especiais ... [que] podem ser descritos como problemas ‘filosóficos’, na medida em que exigem reflexão sobre a natureza do conhecimento, da linguagem e da realidade, e algum tipo de análise conceitual.”

### Relatividade de dados e teoria



### Dicas práticas para a teorização (Engler e Gardiner a aparecer)

1. *Leia amplamente.* Familiarize-se com uma série de teorias influentes, prestando atenção especial às teorias mais recentes e às desenvolvidas por estudiosos da religião (Stausberg 2009). Desenvolva

um estoque de conceitos, distinções, categorias, tipologias, tipos da explicação, da interpretação e da heurística, etc.

2. *Estude a história da teorização, não apenas as teorias des-historizadas.* Leia sobre o processo de pesquisa de importantes teóricos, ao contrário de simplesmente tomar os resultados de sua teorização como modelos descontextualizado: “Isto ajuda a quebrar o feitiço da teoria como um produto, que mascara sua produção. ... Desista de tratar as grandes teorias como ‘coisas’ estáticas e reconheça que uma teoria é composta de manobras – desta maneira e não daquela – que cada teórico faz e justifica. Enfatizar as escolhas transforma as teorias em ações” (Rinehart 1999, 222).
3. *Elabore categorias (ênfase na diferença) e/ou tipologias (ênfase na similaridade):* “Uma taxonomia ou classificação pode ser muito útil, mas não deve ser confundida com uma explicação ou vista como a substituta de uma. ... Os tipos podem ser mais desenvolvidos do que as categorias, mas geralmente são menos abrangentes. Um tipo pode ser parte de um par conceitual (como *Gemeinschaft-Gesellschaft*) ou de uma tipologia completa (como os três tipos de autoridade de Weber)” (Swedberg 2014a, 23).
4. *Enfatize as tensões e os paradoxos conceituais.* Considere uma série de maneiras pelas quais a relação entre dois elementos ou questões pode ser tratada: por exemplo, conceituar os contrastes que tornam sua distinção significativa; distingui-los de maneiras específicas (localizá-los em diferentes níveis de análise; explicar suas localizações espaciais, temporais, causais ou outras); resolver sua oposição ou encontrar uma perspectiva mais abstrata a partir da qual eles são vistos como subtipos de uma categoria mais ampla.
5. *Pratique o esquecimento consciente.* Jogue fora (mesmo que temporariamente) termos técnicos habituais, óbvios e estabelecidos. Tente descrever coisas usando terminologia nova e apelando para metáforas e analogias, a fim de abrir novas comparações e perspectivas (Weick 2014, 191). Faz uma busca para um termo técnico no seu texto, e tente usar outras palavras (especialmente palavras menos técnicas) para todas as ocorrências. Estas técnicas podem revelar categorias e distinções que podem ser ocultadas pelo recurso aos conceitos padrões.
6. *Esteja atento a erros potenciais.* Tenha em mente uma lista de maneiras pelas quais os pré-estudos e projetos de pesquisa muitas vezes dão errado: distorcidos por preconceitos, vieses cognitivas ou raciocínios falaciosos; teorização tardia, muitas vezes pelo fato de ficar muito preso em métodos; uso de termos técnicos excessivamente abstratos na codificação e redescrção; “aplicação” superficial de uma teoria conhecida; uso da pesquisa para encaixar, apoiar ou ilustrar uma teoria pré-selecionada; etc. (Swedberg 2014a, 121–23, 189–90).
7. *Não almeje alto demais.* A maioria dos estudos trabalha com a teoria de médio alcance: “teorias que se situam entre as hipóteses de trabalho menores mas necessárias que evoluem em abundância durante a investigação do dia-a-dia e os esforços sistemáticos ... orientados pelo desenvolvimento de uma teoria unificada que explicará todas as uniformidades observadas dos fenômenos considerados centrais a uma determinada disciplina” (Merton 1967[1949], 39). As teorias de alto nível muitas vezes não são relevantes ou úteis. No seu estudo, pode não haver necessidade de citar nenhum teórico: o escopo correto de interpretação e/ou explicação pode emergir em um nível local, a partir de uma análise detalhada do seu caso ou materiais. Os conceitos existentes podem ser adequados, talvez como esclarecidos ou melhorados.
8. *Mantenha a interação entre os dados e a teoria.* Entre cedo com a teorização, e continue a confrontar o trabalho conceitual com materiais empíricos ao longo do processo de pesquisa (ver Engler 2011; Swedberg 2014b, 8). Isso oferece oportunidades para ver novos padrões e conexões e para checar o progresso.
9. *Trabalhe o espectro dados-teoria.* Identifique onde você está trabalhando atualmente ao longo do espectro. Reconsidere, subindo ou descendo um degrau, para um nível mais alto ou mais baixo de abstração: 'São movimentos de teorização que adicionam e subtraem... [abstrações e reduções

conceituais]. À medida que você se move, pergunte-se o que aconteceu com a ideia controladora com a qual você começou. Será que outras substituições conceituais parecem mais adequadas, mais úteis, mais prováveis como interpretações...? (Weick 2014, 191).

10. *Solte a sua imaginação*. C. Wright Mills sugeriu várias técnicas para estimular "a imaginação sociológica" que se aplicam mais geralmente à CR: brincar com a terminologia e repensar criativamente as classificações; focar em casos extremos e excepcionais; realizar experiências de pensamento, invertendo determinados aspectos de seu material ("Como seriam as aldeias pré-literadas com populações de 30 milhões?"); olhando para casos comparáveis; randomizando e reorganizando notas e análises interinas ("despeje pastas por enquanto desconexas, misturando seus conteúdos, e depois reordene-as"); isolando e explicando de outras maneiras as temas-chave durante o processo de escrever (2000[1959], 212–17; veja Swedberg 2014a, 195–204).
11. *Pratique e reflita*: A teorização é uma atividade reflexiva. A gente gradualmente se ensina a teorizar quando a fazemos repetidamente, e pensando sobre ... o que a gente faz de certo e de errado" (Swedberg 2014b, 17).
12. *Ensinar*. Se der aula, traze a teorização para a sala de aula. Senão, ensine alguém na conversa. Professores e estudantes de pós-graduação tendem a ser os mais capazes de captar o trabalho conceitual intuitivamente e através da imitação. No outro extremo estão aqueles que precisam de orientação estruturada, passo a passo. Reflita sobre onde você mesmo está situado ao longo deste espectro. Existem boas discussões pedagógicas (por ex., Polya 1959; Dubin 1978; Rinehart 1999; McDuff 2012; Swedberg 2014a, 146–68).

## Referências

- Dubin, R., 1978. *Theory Building*. Free Press, New York.
- Engler, S. 2011. Grounded theory. In: Stausberg, M. and Engler, S. (eds), *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*, 1st ed. Routledge, London, New York, pp. 256–74.
- Engler, S. and M.Q. Gardiner. A aparecer. Theorizing and concept work. *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*, 2nd ed.: Routledge, London, New York.
- McDuff, E., 2012. Collaborative learning in an undergraduate theory course: an assessment of goals and outcomes. *Teaching Sociology* 40(2): 166–76.
- Merton, R.K., 1967[1949]. *Social Theory and Social Structure*. 3rd ed. The Free Press, New York.
- Mills, C.W., 2000[1959]. *The Sociological Imagination*. Oxford University Press, Oxford, New York.
- Polya, G., 1959. Ten commandments for teachers. In: *Collected Papers*: MIT Press, Cambridge, MA, vol. 4, pp. 525–33.
- Rinehart, J., 1999. Turning theory into theorizing: collaborative learning in a sociological theory course. *Teaching Sociology* 27(3): 216–232. doi: 10.2307/1319323.
- Stausberg, M. (ed), 2009. *Contemporary Theories of Religion: a critical companion*. Routledge, London, New York.
- Swedberg, R., 2014a. *The Art of Social Theory*. Princeton University Press, Princeton, Oxford.
- 2014b. From theory to theorizing. In: Swedberg, R. (ed), *Theorizing in Social Science: the context of discovery*. Stanford University Press, Stanford, CA, pp. 1–28.
- Weick, K.E., 2014. The work of theorizing. In: Swedberg, R. (ed), *Theorizing in Social Science: the context of discovery*. Stanford University Press, Stanford, CA, pp. 177–94.